

A guerra entre Israel e o Hamas – o amplo espectro dos conflitos e as dimensões do ambiente operacional

*Nilson Nunes Maciel**

Introdução

A coexistência do Estado de Israel com os países árabes no seu entorno estratégico tem sido marcada pelas reivindicações para a desocupação das terras da região da Palestina e a edificação de um Estado Palestino soberano. Esses são os principais pontos de fricção que têm alimentado os conflitos militares em variados graus de intensidade, desde os momentos que antecederam a fundação de Israel, em suas áreas de interesse e de influência, particularmente a Cisjordânia, Faixa de Gaza, Colinas de Golã e o Sul do Líbano. No presente estudo, a área de interesse é a Faixa de Gaza, atualmente sob o controle da organização terrorista Hamas com o apoio da PIJ¹.

A guerra entre o Estado de Israel e as organizações terroristas Hamas² e sua apoiadora Jihad Islâmica Palestina, no período de 10 a 21 de maio de 2021, foi mais um capítulo da história recente do povo hebreu na defesa do seu território e da luta pela existência como Estado nacional. Esse conflito de curta duração permite extrair importantes ensinamentos sobre as operações em amplo espectro com contornos assimétricos, partindo da análise das dimensões do ambiente operacional.

Embora existam pontos obscuros sobre o que realmente ocorreu no campo de batalha nos 11 dias em que durou o conflito e os seus efeitos reais sobre a Faixa de Gaza, este artigo prospecta conhecimentos, a partir do que foi veiculado pelos contendores, organismos internacionais e mídia. O mosaico dos fatos permite a compreensão sobre o desenrolar das hostilidades e captar as contribuições sob o enfoque dos conceitos

adotados na Doutrina Militar Terrestre (DMT) brasileira (BRASIL, 2019).

O nítido contorno assimétrico do conflito e as suas repercussões na arena política são fatores limitadores que tornam complexa a análise e definição clara dos objetivos políticos, estratégicos e militares. Portanto esta abordagem, em que pesem os posicionamentos assumidos pelos atores que se conflagraram, detém-se na análise dos aspectos de interesse militar.

Por fim, este artigo não intenta legitimar as estratégias adotadas pelos contendores e nem que os efeitos deletérios sejam assimilados como uma consequência natural e justa, haja vista o momento de discussões sobre as possíveis violações do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) e a falta de informações sobre investigações internacionais isentas.

Desenvolvimento

O conflito

O Estado de Israel nasceu lutando por sua sobrevivência e pela segurança dos seus cidadãos. A guerra insurrecional contra o governo do Protetorado Britânico iniciada em 1947, como forma de afirmação do direito dos hebreus sobre o inóspito território, foi o prelúdio de dias difíceis. O término do mandato inglês na Palestina e a consequente proclamação do nascimento jurídico do Estado de Israel, em 1948, acendeu o estopim do conflito que tem envolvido árabes, persas e judeus. A vitória dos judeus garantiu a existência do Estado de Israel em detrimento dos árabes-palestinos, iniciando o longo ciclo de guerras.

Segundo Bergmam (2016), trata-se de um conflito de direito, pois é uma reivindicação de dois povos

* Cel Inf R/1 (AMAN/1986, EsAO/1994, ECEME/2003, CPEAEx/2012). Atualmente, integra a Divisão de Doutrina e Pesquisa da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

(árabes e judeus) sobre o mesmo território. A solução está, portanto, no que é menos injusto. Essa sempre foi a dificuldade para se virar a página da história e chegar à paz duradoura, o que tem impedido a implementação de qualquer acordo, mesmo quando patrocinado pelo Estados Unidos da América (EUA) ou pela Organização das Nações Unidas (ONU).

A instabilidade e os atritos constantes fazem com que a região viva em sobressaltos e sobre uma linha tênue entre o iminente conflito e o conflito propriamente dito, entremeado por frágeis acordos de trégua, nem sempre acatados pelas facções palestinas, e a política de dissuasão e retaliação de Israel. O estado de beligerância latente motivou uma sucessão de guerras, como a de Independência (1948), dos Seis Dias (1967), Yom Kippur (1973), Líbano (1982), Primeira *Intifada*³ (1987 a 1993), *Intifada* de Al-Aqsa (2000 a 2005), Líbano (2006) e Gaza (2007 a 2014 e 2021).

Uma reflexão sobre essa concisa linha do tempo evidencia a migração da estratégia árabe-persa de abandonar qualquer aventura de protagonizar um conflito regular e aberto, com riscos de novas derrotas, perdas territoriais e degradação da capacidade militar, como ocorreu no passado. Desse modo, foi adotada a guerra de desgaste com características assimétricas, utilizando-se das milícias palestinas facilmente cooptadas em nome de uma causa comum. Por conseguinte, fortaleceram-se as organizações Al Fatha⁴, Hezbollah⁵, Hamas e Jihad Islâmica, todas listadas como terroristas.



Figura 1 – Mapa de Israel
Fonte: Depositphotos (2021)

O apoio dos países árabes e do Irã às milícias palestinas se materializa ao longo do tempo por meio da transferência de recursos financeiros, contrabando de material de emprego militar, homizio de lideranças, cessão de áreas para campos de treinamento, intensa atividade diplomática e propagandista e difusão do antissionismo, o que proporciona capacidade assimétrica para se opor às Forças de Defesa de Israel (FDI). Essas facilidades têm permitido que os movimentos se mantenham ativos, estimulando ações operativas e o recrutamento de novos adeptos dispostos a se tornarem mártires, ou seja, tombar na luta contra os judeus.

O recente conflito foi fruto de uma escalada de ações e oportunismo político das lideranças do Hamas, que avaliaram como frágil o momento que vivia o governo do primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu e a possibilidade de assumir o papel de liderança da causa palestina, aproveitando-se do descontentamento por mais uma suspensão das eleições gerais pela Autoridade de Palestina, Mahmoud Abbas Abu Mazen, que estavam previstas para maio de 2021. Desse modo, criaram-se as condições necessárias para inflamar o conflito.

O Hamas utilizou como pretexto o fato de que os israelenses estariam violando a mesquita de Al-Aqsa, um local sagrado para os muçulmanos na cidade de Jerusalém, considerada pelos palestinos como a cidade sagrada ocupada, e a tensão pelo iminente despejo de palestinos de imóveis reintegrados pela justiça de Israel. O passo seguinte da organização terrorista foi o lançamento diário e indiscriminado de cerca de 4.000 foguetes contra o território de Israel, que visaram a causar o maior número de vítimas israelenses, concomitante com os distúrbios violentos nos bairros de residentes árabes-israelenses e a concentração de palestinos nas imediações dos limites materializados pelas cercas divisórias do território judeu.

O amplo espectro dos conflitos

O manual de fundamentos *Doutrina Militar Terrestre* – EB20-MF-10.102 – (BRASIL, 2019) é a base sobre a qual se alicerça a doutrina da Força Terrestre (F Ter) frente às ameaças atuais e futuras, sendo apropriado verificar, sob a ótica das operações singulares, a validade dos seus conceitos por meio do estudo de caso do

conflito entre o Estado de Israel e as milícias do Hamas e Jihad Islâmica.

O conceito de amplo espectro dos conflitos tem, como uma de suas premissas, que, doravante, as ameaças não se configuram como no passado, quando era possível identificar os atores presentes no campo de batalha de forma nítida, distinguindo os inimigos regulares, os combatentes e os não combatentes. Essa nova realidade implica a necessidade de adequar o preparo e o emprego das forças militares para atuar em operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências, podendo assumir qualquer postura ou transmutar rapidamente entre essas e outras missões no campo de batalha (BRASIL, 2019).

No conflito deste estudo, as FDI adotaram uma postura defensiva na região norte do território israelense, frente às milícias patrocinadas pelo Irã na Síria e no Líbano, e a oeste, na Cisjordânia governada pela Autoridade Palestina, para dissuadir a adesão da milícia Al Fatha. Ao sul, mantiveram o dispositivo defensivo nos limites com a Faixa de Gaza, com tropas desdobradas no território israelense em condições de realizar uma campanha terrestre. Ao mesmo tempo, realizaram ações ofensivas por meio do fogo de destruição, retaliando com a artilharia e surtidas aéreas contra alvos prioritários e de oportunidade, visando as lideranças, a infraestrutura, os depósitos de foguetes e armas e os túneis do Hamas.

A conduta adotada pelas FDI foi típica das incertezas sobre as intenções do inimigo e dos seus coligados, caracterizando-se pela adoção de um dispositivo flexível, muito próximo da defesa circular. Concomitantemente, foram realizadas operações típicas de cooperação e coordenação com agências, por meio do Mossad⁶, para localização de alvos prioritários na Faixa de Gaza, e do Shin Bet⁷, Polícia de Israel⁸ e congêneres municipais, com o objetivo de conter os distúrbios dentro de Israel, particularmente em Jerusalém Oriental.

De forma concisa, a provável estratégia do Hamas e Jihad era atrair as FDI para dentro das cidades da Faixa de Gaza, para travar combates em localidades, onde a superioridade de meios e tecnologias seriam diminuídos ou mesmo neutralizados pelas características urbanas, com o objetivo de infligir o maior número de

baixas militares israelenses ou mesmo capturar prisioneiros para utilizar em futuras barganhas.

Por outro lado, as FDI, colhendo as lições aprendidas no último conflito, traçaram a sua estratégia com o uso intenso da atividade de inteligência, valendo-se da tecnologia superior para neutralizar os alvos com menor efeito colateral possível. Provavelmente, o desdobramento de forças terrestres israelenses intencionava manter as milícias em posição nos locais mapeados contra os quais foram realizadas surtidas aéreas e fogos de artilharia.

Dimensão física

A Faixa de Gaza é uma estreita porção das terras assinalada pela linha do Acordo de Armistício de 1949, entre Israel e Egito. O território permaneceu sob a ocupação e administração do governo egípcio, como Protetorado de Toda-Gaza ou de Gaza, até a derrota na Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando passou a ser governada pela administração militar israelense. Em 2004, o governo de Israel decidiu desligar-se de Gaza, desocupando efetivamente todo o território e, em 2005, entregou o seu controle à administração da Autoridade Palestina, que passou a governar com o apoio da milícia Al Fatah (EFRAT, 2006). Em 2006, após a Guerra Civil Palestina, a Faixa de Gaza passou a ser governada pelo Hamas, após derrota da milícia Al Fatah.

A Faixa de Gaza está localizada na porção sul de Israel, espremida entre o Estado hebreu ao norte e a oeste, o Egito ao sul, e o Mar Mediterrâneo a leste. Possui uma área aproximada de 362km², extensão longitudinal de 41km e uma profundidade variável, entre de 6 a 10km. Os limites atuais com Israel e Egito são materializados por muros e cercas que acompanham quase todo o cinturão de dunas, com pontos de passagem alfandegários controlados por Israel, como Erez, Qarni, Kissufim, Sufa e Rafah. No caso particular da região de Rafah, o posto que liga ao Egito é controlado pelas FDI.

As principais cidades são Gaza, a capital e centro mais importante, Jabaliya, Bureij, Khan Yunis e Rafah, que dividem espaço com campos de refugiados de Jabaliya, Beach, Nusayrat, Al Bureij, Shaykh al Maghazi, Dayr al Balah, Khan Yunis e Rafah. A extensão norte-

-sul é ligada pela rodovia Salahadeen, que liga Umm Jarrah à zona industrial de Erez, e passa pelas cidades mais centrais do território, aquém do perímetro de segurança definido na Conferência de Oslo de 1994. A essa rodovia se ligam outras de menor porte, no sentido transversal, a partir dos postos de controle.



Figura 2 – Faixa de Gaza
Fonte: UN Ocha *apud* BBC (2020)

A topografia da região é caracterizada por um terreno de pequenas alturas, formado por dunas que atingem o máximo de 120 metros, que avançam para o interior. Toda região tem uma cobertura vegetal muito rarefeita, do tipo arbustiva, mais concentrada onde se desenvolve alguma atividade agrícola. Em pequenas áreas, a atividade agropastoril é irregularmente distribuída. O litoral é de praias suaves e se estende até o limite de 12 milhas náuticas, estando sob supervisão da Marinha de Israel.

Nessa faixa, há uma grande concentração de construções, como edifícios, casas, escolas, hospitais, prédios administrativos e de organismos internacionais, dividindo espaço com os quartelamentos e depósitos do braço militar e da sua administração do Hamas. A distribuição espacial é bem característica de centros urbanos densamente ocupados. Nessa área, de acordo com as FDI, a organização Hamas construiu uma extensa rede de túneis dentro da cidade de Gaza, ligando-se ao Egito, conhecida como “Metrô do Hamas”, que

serve para o contrabando de mercadorias e para deslocamento e homizio de pessoal e armamentos, explosivos e materiais militares. Esses túneis também foram escavados nas proximidades dos assentamentos e cidades israelenses, sendo denominados “túneis do terror” ou “túneis de ataque”, visando a atentados e sequestros contra os hebreus.

Segundo as Nações Unidas (2013), a infraestrutura da Faixa de Gaza está saturada, com sérias dificuldades para fornecer água potável, energia elétrica e saneamento básico. Essa situação é agravada pelos sucessivos danos causados nos conflitos militares e pelo controle exercido por Israel sobre os materiais de construção que podem servir à infraestrutura do Hamas e, mesmo, na fabricação de foguetes e explosivos improvisados⁹.

Sob outra ótica, o Estado de Israel afirma que o rígido controle visa a evitar a infiltração de terroristas e o contrabando de armas, munições e componentes de foguetes, como forma de proporcionar segurança no território israelense.

Dimensão humana

A população na Faixa de Gaza é de cerca de 1.446.706 habitantes, constituída por árabes-palestinos. Inicialmente, como consequência da guerra de 1948, os árabes-palestinos deslocados se instalaram nas terras que formaram o Protetorado de Toda-Palestina ou Protetorado de Gaza, sob a tutela do Reino do Egito. Nesse período, a população passou de cerca de 200 mil para 389 mil habitantes (EFRAT, 2006). Posteriormente, em 1967, a derrota egípcia no campo de batalha implicou a perda dessa região e o início do controle por Israel.

Em 1994, iniciou-se o levantamento de cercas nos limites entre Israel e os territórios árabes palestinos, dividindo fisicamente os dois povos, como forma de conter os sucessivos atentados terroristas contra civis e militares israelenses em locais públicos, resultando geograficamente em três áreas: território de Israel, Cisjordânia e Gaza. A primeira sob o governo de Israel, a seguinte sob a administração da Autoridade Palestina (AP), apoiada pela Al Fatah, e a última sob o domínio do Hamas.

É importante salientar que somente o Estado de Israel goza de soberania plena sob seu território. Quan-

to aos demais, o governo israelense exerce o controle de acesso por meio de postos fronteiriços, restringindo o ingresso de pessoas, veículos e materiais, o que, segundo a Agência das Nações Unidas para Refugiados Palestinos (UNRWA¹⁰), causa uma permanente crise humanitária atingindo particularmente os não combatentes, vítimas diretas dos conflitos.

Retornando ao escopo do artigo, na vertente política, a Faixa de Gaza tem um histórico de disputas entre as facções, com prevalência recente do Hamas, caracterizado como uma organização terrorista antissionista e mais radical do que a Al Fatah. Esse fato impede o diálogo por canal oficial com o governo de Israel, ao mesmo tempo em que a Autoridade Palestina pressiona a comunidade internacional para que seja reconhecida como a única representante do povo palestino, controlando o fluxo de contribuições financeiras e as relações com outros Estados. Portanto, em que pese o domínio territorial da Faixa de Gaza, o Hamas não é reconhecido formalmente como governo.

Por fim, as condições de saúde, educação e trabalho são precárias e mantidas sobretudo pela ONU e pelos países árabes, levando a população ao agravamento da situação de grande dificuldade material e de atendimento das necessidades básicas. Esse fato tem sensibilizado a comunidade internacional, que busca mecanismos para aliviar o sofrimento dos não combatentes.

Dimensão informacional

Esta dimensão assumiu um papel extremamente sensível nos níveis político, estratégico e operacional, condicionando a condução das operações militares das FDI, particularmente no processo decisório no tocante à oportunidade e ao efeito final desejado.

Nessa seara, o Hamas soube atrair a atenção da mídia e estimular o sentimento antissionista, veiculando imagens da destruição de “alvos civis”, vítimas não combatentes e da infraestrutura urbana não militar. Essa estratégia não foi consequência do oportunismo, mas de um processo que conjugou as operações com ideário humanista de defesa dos direitos humanos. Os pilares dessa estratégia se basearam na alegada desproporcionalidade da resposta israelense e na pesada vei-

culação das imagens da destruição pelos bombardeios, reeditando a “luta de David contra Golias”, além das manifestações dos árabes e árabes-israelenses estimuladas por células propagandistas dentro de Israel, com o intuito de transmitir a ideia de insurreição frente à opressão. Um ensinamento colhido foi a capacidade do Hamas de impedir que imagens de seus ativos fossem filmadas ou fotografadas, bem como de combatentes mortos para minimizar os sucessos de aviação israelense.

Em contrapartida, o Hamas soube selecionar as imagens da destruição causada pelas surtidas aéreas israelenses, habilmente difundidas por uma rede de apoiadores da causa palestina. Esse apoio foi proporcionado por personalidades e veículos de mídia, ganhando espaço nos noticiários, além das fronteiras do mundo árabe, tendo causado grande comoção a imagem de mortos e de bairros residenciais arrasados. Dessa forma, o Hamas obteve o controle da narrativa que motivou a manifestação de organismos internacionais e governos sobre a suposta desproporcionalidade da resposta militar das FDI, que teriam visado alvos em áreas civis.



Figura 3 – Torre dos veículos de mídia da Associated Press e escritório da Al Jazeera destruída por ataque aéreo
Fonte: Mohammed Salem (*apud* Al Jazeera, 2021)

Por outro lado, o Estado de Israel não teve a capacidade de desconstruir a narrativa palestina de defesa dos chamados *territórios ocupados* e contra a profanação da Mesquita Sagrada, em Jerusalém, em parte pelos limitados danos causados pelos ataques de foguetes do Hamas. Ironicamente, o sucesso do sistema antimíssil denominado *Iron Dome*, em neutralizar mais de 90% dos engenhos lançados contra o seu território, foi

transformado na imagem da assimetria. Essa conduta das FDI, somada à desinformação sobre a evolução das operações e a negação em apresentar imagens de alvos claramente militares, permitiu a fácil manipulação e ocultação da sua versão dos acontecimentos, resultando em pouco impacto na mídia internacional.

Por fim, o fato de as FDI adotarem como estratégia a utilização de “vazamentos intencionais” em proveito de manobras de finta e a destruição de um edifício, em Gaza, compartilhado pelos veículos de mídia internacional, contribuíram para crítica e descrédito das informações oficiais das FDI na arena da propaganda.

Conclusão


O estudo sobre o conflito entre Israel e o Hamas evidenciou a atualidade dos conceitos da DMT, que servem de fundamentos para os planejadores em todos os níveis, além de possibilitar a coleta de informações sobre a tendência dos conflitos com características híbridas e de curta duração, em que sobressaem as dimensões humana e informacional do ambiente operacional.

Outro ensinamento diz respeito à capacidade de Estados nacionais travarem guerras por procuração com a utilização de organizações terroristas e milícias paramilitares motivadas por questões históricas e religiosas, impondo uma guerra de fricção com o objetivo de minar a

coesão nacional e exaurir os meios militares do oponente como consequência do prolongado estado de prontidão.

O entendimento doutrinário sobre o amplo espectro dos conflitos ficou evidenciado na decisão de Israel de estabelecer um dispositivo defensivo nos limites do seu território com tropas regulares e, ao mesmo tempo, neutralizar alvos inimigos por meio de fogos aéreos e de artilharia e realizar uma manobra de finta. Concomitantemente, no *front* interno, empregou seus órgãos de inteligência e policiais.

Desse modo, eleva-se a importância da análise das repercussões das dimensões física, humana e informacional no Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT), previsto no manual de campanha EB70-MC-10.211 (BRASIL, 2020), desde a fase conceitual.

A evolução das ações permite inferir que as situações de paz, crise e conflito armado (guerra) podem rapidamente se precipitar, aceleradas pela exploração dos antagonismos religiosos, étnicos e reivindicações de territórios ancestrais, potencializadas por estruturas de propaganda e mídia influenciadas pelos produtos de campanhas de operações psicológicas. Assim, as operações são impactadas pela narrativa dominante disseminada pela mídia e pela opinião pública nacional e internacional, o que acaba por ser determinante para a obtenção da vitória no nível político. 

Referências

BERGMAM, Ahron. **Israel's War** – A history since 1947. 4. ed. New York: Routledge, 2016.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos da Doutrina Militar Terrestre** (EB20-MF-10.102), 2019.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres** (PPCOT), previsto no manual de campanha EB70-MC-10.211, 2020.

BYMAN, Daniel; GOLDSTEIN, Gad. **The challenge of Gaza**: policy options and broader implications. Saban Center, 2011.

DEPOSITPHOTOS. Disponível em: <https://br.depositphotos.com/stock-photos/faixa-de-gaza.html?filter=all>. Acesso em: 18 out 2021.

EFRAT, Elisha. **The West Bank and Gaza Strip**: a geography of occupation and disengagement. Abingdon: Routledge, 2006.

HADDAD, Touffic. Focus. **Insurgent Infrastructure**: tunnels of the Gaza Strip, 2018.

ISRAEL. Ministério da Segurança Interna. Disponível em: https://www.gov.il/he /departments/publications /reports/ police_statistical_abstract _2020. Acesso em: 12 nov 2021.

Mohammed Salem. **Al Jazeera**. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news /2021/5/19/what-is-behind-israels- targeting-of-prominent-buildings-in-gaza>. Acesso em: 18 out 2021.

ONU. Office for the Coordination of Humanitarian Affairs occupied Palestinian territory. The Gaza Strip: the humanitarian impact of movement restrictions on people and goods (july 2013). Disponível em: <https://www.un.org/unispal/ document/auto-insert-209300/> Acesso em: 10 ago 2021.

Notas

¹ *Jirad Palestinian Islamic* ou PIJ.

² Acrônimo do Movimento de Resistência Islâmico (Harakat al-Muqawama al-Islamiya).

³ Intifada – Levante dos povos palestinos contra o governo de Israel, acusado de ocupação ilegal do seu território.

⁴ Harakat al-Tahrir al-Watani al-Filastini ou Movimento para a Libertação da Palestina é a maior facção que integra a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e ligada à Autoridade Palestina.

⁵ Hizbu-'llâh é uma organização terrorista paramilitar sediada no Líbano e financiada pela República Islâmica do Irã.

⁶ Mossad – Órgão de inteligência que opera fora da fronteira de Israel.

⁷ Shin Bet – Órgão de inteligência que opera dentro da fronteira de Israel.

⁸ Polícia de Israel – Órgão de segurança pública (OSP) de jurisdição nacional com atribuições de polícia judiciária, ordem pública e segurança interna, subordinada ao Ministério de Segurança Interna de Israel.

⁹ Intermittent explosive disorder (IED).

¹⁰ Acrônimo de UN Relief and Works Agency for Palestine Refugees.